

Cinqüentenário
da morte de
Monteiro Lobato

FOL CLO RE

DF
LETRAS
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 57/58
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 281-0/97
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
OP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA



Tradição
e sabedoria
popular



91 FEB 1999

91 FEB 1999

VA
|
|
|

Seca brasiliense

UMA FATALIDADE ?

□ MÁRCIO COTRIM

Todo ano é o mesmíssimo problema. Todo ano ele ocorre na mesmíssima época. E todo ano a duração do flagelo é rigorosamente a mesma. Como se vê, nada mais previsível do que a seca em Brasília, não é mesmo?

Que me lembre, nunca foi tão tenebrosa a seca em Brasília. Bem diz um amigo meu que o melhor, mesmo, é tirar as férias em agosto ou setembro e sair da cidade, se mandar para longe daqui.

Realmente, a paisagem é de terra arrasada. Jardins e gramados, esturricados, ardem. Labaredas e colunas de fumaça surgem em toda parte. O exuberante verde que caracteriza o grande parque chamado Brasília se transformou em algo de cor indefinida - mas certamente horrenda - um tom que vai do ocre ao castor, passando pelo sépia, sempre triste, feio e de baixíssimo astral.

Dá desgosto pensar em sair durante o dia para caminhar. O ar abafa, a respiração é penosa e, ao olharmos para o céu, lá está, redonda e imensa, a bola solar a nos torrar cá embaixo.

As nuvens são ralas. Uma névoa seca polui o horizonte, desbota o azul do firmamento e o dilui, suja-o. Todo o mundo reclama, o mau humor é

geral. Muita gente sangra pelo nariz ou tem os lábios partidos, e há severos e generalizados danos físicos.

Centenas, milhares de crianças desidratadas lotam os corredores dos hospitais, algumas acabam morrendo. Viroses ganham proporções epidêmicas, pois há micróbios vagando no ar parado. Gargantas, laringes e traquéias se irritam, se obstruem, se arruinam.

Há um contagiante sentimento de desânimo. A vontade é de ficar deitado o tempo todo dentro da água de uma piscina, de um tanque, até de um alguilar.

Água, sim, elemento fundamental para os dias terríveis que vivemos. Líquidos que nos entrem pela boca e por todos os poros, sorvetes e refrigerantes em profusão goela abaixo para amenizar nem tanto o calor mas a monstruosa secura que nos assola.

Nada mais monótono que os burocráticos boletins diários do Instituto de Meteorologia falando da variação da umidade relativa do ar, "que chegará a 20% nas horas mais quentes".

O governo ensaia um alerta à população e se prepara para suspender todas as atividades se a umidade cair a menos de 12%. Já chegamos a 13%. Enfim, vivemos dias de mal-estar, e o receio de um agravamento da situação que leve a cidade ao estado de calamidade pública.

Todo ano é o mesmíssimo problema. Todo ano ele ocorre na



mesmíssima época. E todo ano a duração do flagelo é rigorosamente a mesma. Como se vê, nada mais previsível do que a seca em Brasília, não é mesmo?

Pois, não obstante essa fácil previsibilidade, não obstante todo o mundo estar farto de saber das conseqüências da seca, caminhamos outra vez para o sofrimento como bois atônitos rumo ao cutelo do matadouro. Saímos dos dias amenos e molhados de abril e já sabemos que o pior vai começar em maio.

De fato, começa. Sabemos que vai durar até outubro. E dura.

Ora, caro leitor, parece-me escandalosamente óbvio que já é mais do que hora de acabar com essa atitude de bovino fatalismo. Uma cidade linda como a nossa, modelo de arquitetura, de urbanismo, a melhor qualidade de vida do País e sua própria capital, sede do governo e do corpo diplomático, não pode, convenhamos, ficar à mercê de um problema desses durante quase meio ano - todo ano!

Há dificuldades, todos sabemos - sobretudo de ordem financeira - para resolvê-lo. Mas, em compensação, nunca vi até hoje qualquer medida governamental profunda, nada que tenha sido feito ou esteja em andamento, preventivamente, para pelo menos atenuar o problema. Os incêndios se sucedem, as doenças proliferam - sobretudo as que atingem as crianças - a paisagem fica horrenda, a própria paz social é

comprometida pela epidérmica irritação que afeta a cabeça de todos, e não se conhecem as providências do governo para remediar o problema.

Numa época de fantásticas conquistas tecnológicas como a que vivemos, é risível que nada tenha sido feito. Chuvas artificiais, novos sistemas de

irrigação, aspersão maciça, construção de fontes e chafarizes por toda a cidade, tanta coisa que pode ser feita, que diabo!

Sejamos francos, meu amigo, puxe pela memória: você já ouviu falar de alguma medida - pelo menos uma! - destinada a reduzir os efeitos de nossa seca? Não é incrível que nada, absolutamente nada de concreto tenha sido feito até hoje? Sim, porque reclamar que não há água, ou que a água é pouca, ou que temos que racioná-la, coisas assim, não resolvem nada.

Claro que racionaremos, se não houver outro jeito. Mas trabalhar

para minorar os efeitos da seca - com água, é lógico! - deve ser, a meu ver, uma diretriz permanente a ser adotada pelo GDF. Acho até que deveria existir um órgão oficial, talvez em nível de Secretaria, só para cuidar do assunto, tamanha sua importância para a vida de Brasília. Já que se trata de uma característica fenomenológica e que seu vulto agrava tensões sociais e pode chegar a afetar a própria segurança nacional, deve ser tratada com a seriedade máxima que merece.

Quem sabe, se alguma coisa for feita agora pelos técnicos, entraremos em 1989 com algum esquema projetado para enfrentar a próxima seca? Digo-lhe, convicto: só isso já tornaria o governador da cidade inesquecível e ele se transformaria num herói para sempre na história da cidade.

Márcio Cotrim é escritor. (Texto publicado na antologia *Cronistas de Brasília*, organizada pela escritora Glaia Souza).

